



Entrevista com Liliane Giordani

Entrevista: Isabel Cony e Vicente Fonseca

Transcrição da entrevista: Andrielle Prates, Isabel Cony e Maira Miguel

Fotos: Ramon Moser

Revista da Extensão: Vamos começar falando sobre o começo da tua trajetória: como foi a tua formação?

Liliane Giordani: Minha formação é na Educação, em Educação Especial, na Universidade Federal de Santa Maria. Esse tema me chamou a atenção por trazer a temática da diferença dentro da Educação. Eu sabia que era esse o universo no qual eu queria me inserir. Na minha cidade (Santa Rosa) havia um trabalho com educação de surdos, e eu fui me aproximando dele. Achei que aí estava algo para eu fazer na escola. Fiz minha graduação em Santa Maria na Educação Especial, na área de educação de surdos, e me envolvi com o tema. Depois de formada, fiz o mestrado e doutorado aqui na UFRGS. Fiz estágio acadêmico em Porto Alegre, numa escola de surdos, e trabalhei na pós-graduação nessa temática, sempre vinculado ao espaço da escola. Fui me mantendo no trabalho escolar durante a formação acadêmica e depois do estágio acadêmico e da formatura. A seguir, trabalhei 15 anos na rede municipal de Porto Alegre, com surdos, na área de educação de jovens e adultos. Trabalhei em universidades privadas e cheguei à UFRGS em 2011, para essa área de Libras e educação especial. Meu primeiro desejo era voltar para a escola com aquilo que eu ia fazer dentro da academia, e o lugar que mais me abriu essa possibilidade e me mostrou esse potencial foi a extensão.

Revista da Extensão: Entraste em 2011 e, realmente, em 2012 já constavam vários projetos de extensão em teu nome.

Liliane Giordani: Sim! Entrei em 2011, e o primeiro movimento que fiz já foi cadastrar um projeto de extensão. E a ideia era essa, ir para a escola, acho que por duas questões que, para mim, são muito importantes. Primeiro: ela vai fomentar a minha própria docência. Atuar na formação de professores sabendo das coisas da escola, como se eu tivesse uma formação continuada permanente. Como docente, a vida na escola é o lugar onde eu me alimento para trabalhar com os alunos. Por outro lado, os alunos da graduação relatam de que é indo para a escola e para as comunidades com os projetos de extensão que eles compreendem aquilo que discutimos e falamos em aula. Alguns exemplos: eu trabalho com disciplina de língua de sinais, uma disciplina de dois créditos. Para aprendizagem dos alunos ela é muito pequena, pois é uma língua estrangeira para os ouvintes. Mas quando eles vão para a escola e começam a conhecer os alunos surdos é que passam efetivamente começar a aprender a língua de sinais e entender a dinâmica de uma língua em contexto. Só a extensão dá essa experiência, não tem outro jeito. A pesquisa é importante, com certeza, tanto que a gente a articula com a extensão. Mas a vivência, ir para o contexto, é que é o diferencial.

Revista da Extensão: Na área de Educação Especial, então, tu consideras que a extensão não é apenas um complemento, mas algo fundamental?

Liliane Giordani: Fundamental, e para todas as áreas de formação. Toda a ação de formação de um acadêmico precisaria estar alimentada pela extensão. Na Educação, não tenho a menor dúvida. A Faculdade de Educação tem um número importante de projetos de extensão e a experiência com esses projetos nos mostra no cotidiano que eles se formam sujeitos mais solidários, que valorizam a diferença. Esse é um recorte fundamental à área de Educação Especial: o olhar para a diferença entendendo que ela sempre traz um potencial de aprendizagem, seja ela qual for, e romper com essa lógica da normalidade que a escola por muito tempo trabalhou, que é a de formar todos do mesmo jeito e da mesma forma. A extensão me mostrou isso, e aí, timidamente, em 2011, começamos um projeto numa escola de educação de surdos, de formação de professores. Então, começa o Lobogames, que iniciou como um convite da Faced para o Instituto de Informática, por uma relação de parceria de trabalho com o professor Renato Ribas. Em 2012 fizemos formação de professores, depois levamos para crianças e adolescentes da mesma escola o projeto, e aí ele começou a tomar corpo. Foi despretensioso, mas a gente estabeleceu uma rede de trabalho que envolveu Porto Alegre, Região Metropolitana, noroeste do Estado, com formação docente, aplicabilidade na escola e realização de olimpíadas escolares dos jogos lógicos.

Revista da Extensão: ...a ponto de se tornar hoje um dos projetos de extensão mais conhecidos da UFRGS.

Liliane Giordani: (Risos) Sim. Nós, no Salão de Extensão, com nossas garrafinhas coloridas, e com a criança em volta. Eu e o Renato somos conterrâneos. Foi mais ou menos assim: “eu gosto de jogos”, “então tá, eu gosto de trabalhar em escola”, “então vamos juntar” (risos). Tem

também outro projeto que eu tenho um carinho muito especial, que é o Atelier Pedagógico. Nesse ano a gente está trabalhando com a imersão, com o conceito de comunidade de aprendizagem, que é uma relação entre escola de surdos e escola de ouvintes na educação infantil. As crianças surdas vão para dentro da turma de educação infantil uma vez por semana, com uma equipe que mobilizamos de voluntários e alunos que já fizeram Libras, de diversos cursos: Educação Física, Pedagogia, até mesmo da Engenharia de Materiais nós temos uma aluna. A gente vai para essa turma ensinar Libras, mas sem ser uma aula de Libras. As crianças ouvintes que vão receber as crianças surdas precisam se comunicar. Vão falar com as mãos, brincar, aprender os animais, fazer jogos mímicos... Vão acolher as crianças surdas dentro da escola, e vice-versa, para interagir em língua de sinais e começar a aprender e usar essa língua. Tem sido uma experiência maravilhosa. A gente conheceu nessa escola um pai surdo de uma criança de outra turma. Quando ele descobriu que estávamos levando a língua de sinais para a escola, ficou muito feliz, pois ele já não era mais um estranho naquela escola, não era só ele que usava a língua de sinais. Uma vez, uma das crianças ouvintes saiu na minha frente andando com a mãe e disse “mãe! Mãe! Hoje a gente fez uma coisa bem diferente! Aprendemos a falar com as mãos!”. Depois de ouvir o entusiasmo deste menino, eu pensei “não vou mais parar de fazer isso”. Esses são dois projetos pelos quais tenho um carinho especial. A gente tenta aqui na Faced trabalhar muito em rede com os colegas. Temos colegas com vários projetos diferentes: um com mulheres em situação de restrição de liberdade, outra colega com um na Vila Cruzeiro, e vamos trocando parcerias.

Revista da Extensão: E não apenas aqui dentro: os projetos são totalmente interdisciplinares, como o exemplo da aluna da Engenharia Cartográfica. O próprio Lobogames, unindo Educação e Informática, pode causar estranheza num primeiro momento, mas para quem conhece o projeto essa relação passa a fazer total sentido.



Liliane Giordani: A gente discute muitos conceitos, e isso é bom. Tentamos pactuar o que a gente discute aqui sobre, por exemplo, aprendizagem e o que se discute na Informática.. Acho que a gente sempre ganha quando trabalha em rede. Não estamos ensinando ninguém a fazer extensão. Por outro lado, não estamos passivos. Acho que essa possibilidade de ser interdisciplinar é um ganho para todos. O resultado dessa equipe do Atelier Pedagógico é que a gente tem diferentes cursos interagindo. Então, o professor sai de cena, e isso também é uma coisa legal da extensão.

Revista da Extensão: O próprio Lobogames tem gente de outros cursos, né?

Liliane Giordani: Tem! De vários cursos.. A gente sai de cena um pouco como alguém que está trazendo o conhecimento, e aquele conhecimento ensina os alunos. Aí depois voltamos com o material que os alunos aprimoraram daquele espaço.

Revista da Extensão: Quando começou teu interesse pela Educação Especial? Quando adolescente, na faculdade?...

Liliane Giordani: Em Educação eu acho que desde sempre. Sabe aquela coisa de a gente brincar de fazer de conta que é professora, escrever nas paredes, nos armários de casa? Só que aí era aquela professora que dizia “senta”, “em silêncio”, “em fila”. Aí, na adolescência, eu descobri que talvez não fosse isso o que eu queria fazer. Depois, então, descobri que a gente podia, sim, fazer educação sem sentar, em fila e em silêncio. Descobri que a gente podia fazer outras coisas... e talvez esse seja o grande motivador de eu ainda estar nesse universo, nesse lugar da Educação. Eu ainda acredito que a gente pode reinventar a escola. Ela ainda não está de um jeito bacana de ser vivida, e não precisamos de muitos dados e pesquisas para saber disso. Se conversarmos com adolescentes, eles vão para a escola para encontrar os amigos, na

maioria dos casos. Acho que temos alguns projetos legais de escolas por aí, inovadores, diferentes. Estamos fazendo um trabalho em rede com alguns programas de transformação de escolas, inclusive arquitetônicos. Mas o resumo, lá no começo, para responder a tua pergunta, é brincar de fazer escola. Posso dizer que eu continuo, hoje, motivada, com o desejo de brincar de fazer escola. Estar reinventando esse lugar, sempre.

Revista da Extensão: E a opção pela educação especial?

Liliane Giordani: Foi quando precisei definir o curso de graduação. Eu queria Educação, mas não queria algo convencional. Na época eu fazia teatro na escola, no Ensino Médio. Fui fazer uma peça numa APAE, depois numa escola de surdos, e aí me deu esse momento onde eu descobri que existia outra língua, outro universo dentro de uma comunidade, que é a comunidade de surdos. Foi em quando eu disse “é aqui que eu vou ficar, pelo menos por enquanto” (risos).

Revista da Extensão: Tu citaste dois trabalhos: o Lobogames e o Atelier Pedagógico. Mas tu trabalhaste em vários outros projetos neste período todo.

Liliane Giordani: Temos colegas, como a professora Daniele Noal, o professor Eduardo Cardoso, que também militam nessa área de educação inclusiva, acessibilidade. O Atelier de Parafernália é um trabalho que desenvolvi um tempo com a Daniele, nessa motivação de valorizar aquilo que por vezes é rejeitado pelas escolas. Os discursos delas normalmente são o de “não temos condições”, “não temos material”, “temos impossibilidade estrutural”. Nós, então, inventávamos oficinas com materiais e restos de materiais que pudessem se transformar em material pedagógico. Isso também vinculado à educação especial e à inclusão, pois esse material que sobra da escola, que muitas vezes não é aproveitado por ela, também pode ser usado como metáfora do aluno que não é o aluno padrão, ideal, que aprende da mesma forma. A ideia do

Parafernália é: experiências pedagógicas de inclusão e acessibilidade para a gente também reinventar a escola. Trabalhamos juntas um tempo e, no ano passado, caminhamos para outros projetos. Reativei o Atelier Pedagógico. O Núcleo de Acessibilidade Cultural coordenado pelo professor Eduardo Cardoso, constitui um espaço importante de implementação de ações de cultura com acessibilidade dentro da Universidade. Fizemos agora, a convite do DEDS, o Conversações Afirmativas de julho. Construímos uma rede com esses projetos e junto a pessoas que vivem a situação da deficiência dentro da Universidade, para tratar esse tema como um grande debate e uma exposição fotográfica das situações de pessoas que vivem com deficiência. São projetos cujas origens são distintas, mas é uma rede que se vincula sempre. E o Lobogames entra de certa forma também porque vem discutir currículo e aprendizagem. Ele tem efeito também de reconhecimento dos alunos que têm questões desta natureza ou comportamentais na escola. Temos visto situações e respostas de professores que passam a perceber mais um aluno porque por meio do jogo ele demonstra aprendizagem. Então, um projeto tem alimentado o outro. E isso tem me deixado feliz, pois eu consigo sair dessa sala, desse prédio, e ir para outro lugar, conversar com pessoas que estão na vida.

Revista da Extensão: Como é a recepção dos professores das escolas a esses projetos num primeiro momento e como tu vê a evolução que ocorre no trabalho deles após a realização dos projetos de vocês nestas instituições?

Liliane Giordani: No Lobogames temos oferecido cursos de formação para os professores. Eles vêm à Faced e participam de um encontro mensal. Nesta formação, eles têm a tarefa de implementação das atividades, no formato que eles e a escola definirem. Podem aplicar na aula ou no contraturno. O que fazemos depois disso? Visitamos a escola e colocamos no projeto algum bolsista, para que de alguma ele dê continuidade naquele espaço. Nosso grande desejo é que o projeto seja multiplicador. Tanto que temos um site onde postamos

materiais, tabuleiros e orientações. Os vídeos são abertos, disponíveis para quem quiser copiar, baixar, usar, pois a ideia é que eles se multipliquem. Respondendo à tua pergunta, temos uma adesão como multiplicador, por vezes, de um ou dois professores. Não é de todos, mas eu sempre digo: se a gente mexer com um professor, já conseguimos implementar uma ideia em uma turma, um grupo, e ela vai se multiplicar. São pequenas revoluções, pequenas transformações, nas quais o projeto vai deixando sua marca. Quando a gente está todo dia envolvido, muitas vezes não consegue ver o efeito. Depois de um tempo é que vemos as fotos, os registros que os professores nos mandam, e constatamos que o projeto seguiu. Quando ocorreu essa cena que eu contei há pouco do menino, a gente saiu da atividade pensando, avaliando que efeito que fez. A criança brincou, gritou, riu... será que eles entenderam, compreenderam o que nós viemos fazer aqui? Aí, quando eu escuto a frase desse menino, andando na minha frente, feliz e contando para a mãe que ele aprendeu a “falar com as mãos”, e que agora ele tem amigos que falam... pronto! “Bom”, eu disse, “acho que isso é um indicador favorável”. A nossa ideia não é a de que todos vão aderir à ideia. Mas acho que se a gente vai com o desejo de fazer com que as coisas funcionem, já é um primeiro passo. Outro efeito que eu tenho sentido muito é o aumento da equipe de alunos da UFRGS se envolvendo com os projetos. Quando os alunos começam a nos procurar, querendo participar do projeto...

Revista da Extensão: Quantos participam atualmente?

Liliane Giordani: Hoje, no Lobogames, nós temos cinco alunos entre alunos e colaboradores que atuam nas atividades. Depois tem também os que já se formaram e que voltam. Duas alunas ainda participam, mas já estão fora da Universidade. Na equipe do Atelier, são sete voluntários e uma bolsista de extensão.

Revista da Extensão: Isso fora os interessados...

Liliane Giordani: É... Como a gente faz um movimento de deslocamento, às vezes isso também é um impeditivo para as pessoas irem para os lugares. Mas temos uma rede de colaboração bem bacana. Professores de escolas da rede municipal de Porto Alegre que participaram do Lobogames são a nossa rede de colaboração. Eles vão alimentando os nossos grupos de troca de imagens pelo Facebook e pelo site do projeto.

Revista da Extensão: Ano passado, durante o SEURS, em Camboriú, impressionou o número de pessoas que chegavam ali para ver as atividades do Lobogames, o que estava acontecendo. E esta é uma característica que eu percebo: o fascínio que o projeto causa nas pessoas. A que tu atribuis isso? Pelo fato de serem jogos?

Liliane Giordani: Sabes que eu não sei te dizer? Montamos lá no ginásio do Instituto Federal Catarinense o Tapatan com garrafas coloridas. Talvez por ser um jogo diferente do que é convencional, para mesa... talvez isso chame a atenção. Algumas pessoas passam, olham, se aproximam e alguns acolhem nosso convite para jogar, outros se mantêm como espectadores.

Revista da Extensão: Acham que vão ter de “pagar uma prenda” ou algo do tipo? (risos)

Liliane Giordani: Na escola, os alunos são muito mais disponíveis que os professores. Isso não é uma crítica aos docentes: eles ficam muito mais na figura de espectador do que alguém que joga, talvez por receio de não dar conta da tarefa. Mas ele é colorido, está no chão, não é difícil, não tem uma execução complicada e é um desafio. E talvez isso seja algo que falte nas escolas por vezes: desafios. Quando nós trabalhamos com lista de conteúdos, desafiamos pouco os alunos. Mas quando saímos da mesa, vamos para o chão, fazemos coisas diferentes e apresentamos um material como o Lobogames, talvez – e não sei te responder precisamente – seja uma atenção, uma disponibilidade ao desafio. E aí, bom, aquilo vai crescendo e continuar sendo oferecido.

Revista da Extensão: Como os jogos são criados?

Liliane Giordani: Eles já existem; estão disponíveis na internet. O que nós fizemos foi reunir o que há de disponível há muito tempo. Grande parte dos jogos tem origem oriental, e esse é outro perfil do projeto que a gente quer desenvolver com mais atenção: as questões culturais e antropológicas desses jogos, pois há poucos registros na América Latina. Trabalhamos com jogos na Semana da África, nos apropriamos dos jogos africanos... Alguns jogos, por exemplo, têm mais de 100 anos. Não existe um registro preciso. O que fazemos, então? Reunimos esse universo e organizamos didaticamente, digamos assim, para cursos. Organizamos em módulos um conjunto de jogos que têm princípios de alinhamento, de bloqueio, de captura, até a gente chegar ao xadrez, que é um jogo que vai reunir todos esses princípios. E aí temos jogos que nossos avós jogaram: resta um, damas, moinho, entre outros jogos que a criançada não faz a menor ideia do que se trata. Para essa geração online poder sair em algum momento desse mundo virtual e poder se relacionar diretamente com o outro. O jogo promove isso: tu não pode usar uma tecla “delete” ou desligar o aparelho: o colega está do teu lado se tu estás jogando. Tu precisas te relacionar! E o relacionamento, tanto individual, quando é o tabuleiro de dupla, quanto o coletivo, te tenciona a isso: à disponibilidade de estar com o outro.

Revista da Extensão: Então, além da questão da cognição, há também aspecto comportamental, de ajudar uma pessoa mais introvertida a ser mais sociável?

Liliane Giordani: Eu te diria que este é o primeiro ponto que aparece para a gente. Tem aparecido muito. Desde a relação de grupo até a relação aluno-professor. Em várias situações, temos relatos de professores que começam a perceber melhor um aluno em sala de aula: um estudante que antes não aprendia, ou não



participava, mas numa destas atividades acaba ganhando o jogo. Ele se sente empoderado daquele conhecimento, começa a ocupar outro espaço na sala de aula. Da mesma forma, acontece com aquele aluno que não suporta ficar sentado, escrevendo, copiando ou fazendo atividade. Se ele vai para o pátio, faz um Tapatan gigante ou faz um jogo vivo, se concentra naquela atividade diferentemente de outra em que não dava conta de se concentrar. Isso tem sido relatado pelos professores: de o quanto eles começam a enxergar de outro jeito aquele aluno. E o trabalho, no caso de jogos coletivos, se tu não pactuares com o teu coletivo, ficarás sozinho, não darás conta daquela tarefa, e isso eu posso te garantir. Os dados que a gente vem trabalhando mostram. Desde o ano passado a gente vem trabalhando, levando essas atividades para as escolas do campo, para os quilombolas, aldeias, e temos aprendido muito, o funcionamento e a disponibilidade de nos ensinarem os jogos ancestrais também.

Revista da Extensão: Como é essa troca com o pessoal das escolas do campo e os quilombolas?

Liliane Giordani: É um trabalho que iniciou no ano passado, um trabalho específico, vinculado ao tempo Comunidade do Curso de Licenciatura da Educampo da Faced. Realizamos um trabalho na Aldeia de Itapuã, na Escola Guarani Nhamandu Nhemopuã Mbya. Com as crianças, tínhamos uma questão de língua: os pequenos guaranis não falam português, então tivemos participação dos adultos em todas as atividades. O próprio cacique foi redefinindo as regras para aquele grupo que estava jogando e aí, ao mesmo tempo, a gente aproveita esses espaços para conversar com os mais velhos, e eles vão nos mostrando. Esse é um trabalho que pretendemos ampliar e fazer com mais atenção, pois é o reconhecimento das culturas locais.

Revista da Extensão: Na sua opinião, como está a acessibilidade no Brasil? A impressão para quem não é especialista na área é que houve uma evolução, mas parece que ainda estamos bem atrás do que deveríamos, certo?

Liliane Giordani: A política de inclusão e acessibilidade teve na última década um avanço muito importante, é inegável. De 1994 para cá, passamos a ter uma legislação firme, forte e imponente. Em 2015, tivemos a publicação da Lei Brasileira de Inclusão, um documento legal, importante. No entanto, ainda temos fragilidades na implementação e gestão desta legislação. Temos feito uma ação junto ao Ministério Público, em rede com as escolas, para que esta implementação aconteça de uma forma efetiva, que não seja só o acesso. Ela é uma garantia legal, mas a permanência e a qualidade são fundamentais. Precisamos cuidar dessa garantia, pois o princípio é de que todos têm direito (falando do recorte escolar) de estar na escola, e aprendendo com qualidade. É uma ação que passa pela questão arquitetônica, atitudinal e de currículo. Os nossos projetos vão para a escola tentando fazer esse movimento de um currículo que valoriza a diferença, que é mais aberto, de um espaço que congregue a todos. Não podemos ficar esperando o ajuizamento de algum tipo

de ação ou cobrança legal. Precisamos tratar com atitude, e atitude de direito é diferença por meio da garantia da acessibilidade na escola, na saúde, nas comunicações... Ela é o começo de todos nós, não temos como nos ausentar disso. É como eu digo para os alunos: se a gente fizer microrrevoluções, pequenas mudanças, com um ou dois numa sala, num pedaço do pátio, a gente já contribui de alguma forma.

Revista da Extensão: Qual dessas microrrevoluções causada pelo Lobogames te deixou mais feliz até hoje?

Liliane Giordani: Os alunos da escola querendo jogar e felizes com aquela atividade que estavam fazendo, envolvidos nela e perguntando quando iríamos voltar. Uma vez, numa escola do interior, a atividade terminou, acabou o tempo, a escola bateu o sinal e eles não saíam do pátio onde estavam jogando. Tinham que ir embora, mas não saíam. Em outra oportunidade, os professores se dispuseram a competir entre eles mesmos, e os alunos eram o público. Essas coisas movimentam o currículo da escola e faz com que as pessoas se sintam disponíveis. Tanto o desafio de jogar quanto o de pensar sobre aprendizagem, estabelecer novos desafios. Não temos como projeto uma resposta perfeita, certa e que funcione para tudo. Mas só o fato de nos mobilizarmos como professores da Universidade e pensarmos aprendizagem levando os nossos alunos, que estão em formação acadêmica, a fazer isso também no mundo real, que é o que a extensão nos dá, talvez seja uma grande contribuição. No fundo eu sou superegoísta: vou também porque gosto, porque me faz bem e porque se eu estivesse só aqui dentro não sobreviveria sem nenhuma pessoa. Teria mais dificuldade para falar, para formar professores.

Revista da Extensão: Aproximadamente quantas escolas vocês visitaram nesse período?

Liliane Giordani: Em 2013/14, fizemos uma formação no interior em três municípios e

tivemos dois ou três professores em cada uma. Foram cerca de 70 professores, cada um desenvolvendo o projeto com suas turmas, que têm em torno de 20 a 30 alunos. Essa multiplicação dá cerca de 2.000 alunos. Na primeira olimpíada dos jogos lógicos contamos com a participação de 630 crianças. Na segunda fizemos em apenas um município, e foram mais 250.

Revista da Extensão: Depois que te formaste foste professora por muitos anos da rede municipal de Porto Alegre. Como foi essa experiência?

Liliane Giordani: Foram 15 anos.... Trabalhei de início na Escola Morro da Cruz. Foi uma aprendizagem belíssima. Trabalhávamos na época com pesquisas socioantropológicas para a organização do currículo da escola. Nossa primeira tarefa era, antes de iniciar o ano letivo, visitar as famílias da comunidade. Isso significava aplicar um questionário para as famílias, voltar para a escola e, com aqueles dados, organizar o currículo do ano, que conteúdo iríamos trabalhar, que projetos desenvolver.

Revista da Extensão: Isso é praticamente extensão...

Liliane Giordani: Sim. E não era algo do tipo “vou lá, tiro uma foto da casa e volto”. Não... a tarefa era sentar, tomar o chimarrão que te ofereciam. Não dá para descrever o quanto isso é fundamental para a professora que vai trabalhar com a criança. Tu vives um contexto... tu vai reconhecê-la no contexto em que ela vive e respeitá-la dentro daquele contexto. Aprendi muito. Naquela época, 15 anos atrás, o Morro da Cruz ainda tinha algumas pequenas propriedades em que se criava galinha num cantinho da casa. Eu mesma já ganhei galinha. Mas foi muito bom. Depois disso, trabalhei com educação de jovens adultos surdos, no CMET Paulo Freire. Foi outra experiência importante, pois a vida do jovem adulto com deficiência tem mais um recorte: exclusão da escola e impossibilidade de dar conta na vida da idade escolar. O sujeito sofre, então,

um preconceito duplo de inserção no mercado de trabalho, outra aprendizagem. Posteriormente, trabalhei na Secretaria Municipal de Educação, na Coordenação de Educação Especial. Fiquei um período de duas gestões: aprendi sobre gestão e a trabalhar na rede, assessorando as escolas comuns a fazer inclusão e as especiais a atender esse público com deficiência associada que estava chegando. Uma aprendizagem que só foi possível graças à parceria de colegas e de professores. Concomitante com o trabalho da rede municipal, dei aula na Faculdade Cenecista de Osório durante 12 anos. Um período de 60 horas semanais bem intenso. Plantei uma árvore, escrevi um livro, tive três filhos nesse período, deu para fazer de tudo (risos)! Cada experiência vai te compondo.

Revista da Extensão: E a vinda para a UFRGS?

Liliane Giordani: Estar na Universidade era um desejo. Não porque eu não gostasse da escola, muito pelo contrário. O objetivo era poder voltar para ela, mas com mais autonomia de invenção, poder ir trazendo o projeto de extensão. A escola pode comprar ou não a nossa ideia, mas eu consigo inventar, pensar coisas. Em uma universidade privada tu não fazes isso porque há um gerenciamento mais duro. Na extensão da universidade pública essa possibilidade é mais aberta.

Revista da Extensão: Nas universidades privadas que trabalhaste não conseguiste praticar tanta extensão quanto gostarias?

Liliane Giordani: Não, até porque a faculdade que eu dava aula tinha uma grande carga horária de graduação e não tinha investimento em extensão e em pesquisa, era pouquíssima carga horária. Nesta faculdade fui coordenadora de pedagogia durante oito anos. Foi outra experiência de gestão muito bacana. Trabalhar com alunos que trabalham durante o dia e fazem formação à noite é também uma realidade importante para o professor conhecer, saber quem é esse público. Pessoas do litoral e que por vezes tinham que, também, trabalhar no verão.

A vinculação que eu tive foi com docência e também com gestão.

Revista da Extensão: E a experiência de gestão aqui na Faced?

Liliane Giordani: Atualmente sou chefe do Departamento de Estudos Especializados. Estou na segunda gestão, ao lado do Prof. Evandro Alves. Uma experiência muito importante para conhecer a dinâmica da Universidade.

Revista da Extensão: Participaste de uma das operações do Projeto Rondon também, né?

Liliane Giordani: Sim, mas não cheguei a fazer viagem com o Núcleo. Fui suplente na Operação Bororós, em 2015. Eu estava na equipe, era a fotógrafa (risos). Fizemos formação de equipe juntos. A formação ocorreu aqui na Faced. Trabalhamos um semestre com essa equipe que foi.

Revista da Extensão: E como aluna, chegaste a participar?

Liliane Giordani: Não. Sabe por que não fiz na minha época? Porque quando eu era aluna o Rondon tinha terminado, estava no freezer. Ele passou por um período sem financiamento. Mas como acadêmica fiz alguns projetos orientado por professores, junto a associações de surdos de Santa Maria. Desenvolvemos projetos de formação e atendimento a crianças filhas de pais surdos.

Revista da Extensão: Como é trabalhada a questão da acessibilidade no curso de Pedagogia da UFRGS?

Liliane Giordani: Temos duas disciplinas: uma de educação especial em inclusão, no primeiro semestre, e outra de intervenções pedagógicas, no final do curso. Esta última é oferecida para todas as licenciaturas, obrigatoriamente, e a educação especial em inclusão, que eu ministro, é um convite aos alunos a pensar, inclusive sobre a Universidade,

a respeito de questões políticas e de acessibilidade. Para falar da escola dos outros temos que falar antes da nossa, né? Temos uma questão histórica de dificuldade e problemas com a acessibilidade arquitetônica, e precisamos resolvê-la. O exemplo é a própria Faculdade de Educação, onde temos trabalhado nos últimos anos para a acessibilidade plena e a lógica do desenho universal de um prédio que tem questões estruturais difíceis. Mas algumas nós podemos resolver, como, por exemplo, o laboratório de informática. Ele está no décimo andar, e o elevador não chega até lá. O que precisamos fazer? Descer o laboratório. Só nisso estamos há três anos em tratativas. Conseguimos pelo plano “Viver sem Limites” e pela implementação da pedagogia bilíngue um laboratório no terceiro andar. Tem um, mas precisamos descer os demais. Temos problemas graves de acessibilidade. Os prédios históricos, por exemplo, precisariam remodelar as entradas. A Faculdade de Direito é a que resolveu da melhor forma: não tem como acessar pela entrada frontal, histórica? Fecha a entrada e faz outra acessível para todo mundo. Às vezes, o que acontece nos prédios é uma entrada pela garagem. Em alguns prédios de tribunais existem escadarias lindas de mármore, nas quais cadeirante não entra. O que fazem? A acessibilidade pela garagem. Mas não é uma entrada plena, não é um desenho universal. É preciso pensar uma entrada na qual todos possam acessar. A lógica deve ser: se alguém não pode acessar, não ofereça. Ofereça algo em que todos possam se sentir bem. Em todos os eventos organizados aqui na UFRGS deve ser pensado com a acessibilidade plena. Eventos no Salão de Atos deveriam ter obrigatoriamente intérprete de libras, e nós temos servidores capacitados, que poderiam ser agendados. O ideal era ter inclusive audiodescrição no evento, pois essas são as normas da ABNT para atividades culturais. É preciso oferecer esses recursos. O próprio site da Universidade precisa ser mais acessível. Como vocês disseram antes, tivemos ganhos, pois antes nem se falava nesse sujeito, ele nem chegava na Universidade porque era impedida a ele a oferta de chegar até aqui. A escola básica segregava muito.

Revista da Extensão: Até pouco tempo, as esquinas das grandes cidades nem sequer dispunham de rampinhas para as cadeiras de rodas. Isso há pouco tempo, 20 anos atrás...

Liliane Giordani: É verdade, é um tema que vem crescendo. Agora há um decreto que estabeleceu cotas obrigatórias para pessoas com deficiência no vestibular. Antes era uma sugestão, agora este percentual entra na cota das políticas afirmativas a partir deste ano. E isso também influencia a questão da qualidade de atendimento e de formação do quadro de professores, pois o docente precisa saber que aquele aluno tem direito e condições a estar na aula – e se ele não vê, nem ouve...

Revista da Extensão: E os técnicos também, ao trabalharem em órgãos que atendem pessoas.

Liliane Giordani: Sim, também. Eu citei os professores porque tem professor que indiretamente vai fazendo o aluno evadir, por achar que ele não tem condições de ter aquela formação.

Revista da Extensão: E o cenário aqui na Faced para essa área de educação especial e inclusão?

Liliane Giordani: Com certeza a gente poderia ter um investimento maior nesta área. Mas também precisamos entender que existe uma formação básica de professor e uma específica em nível de *lato sensu*, especialização. Não cabem em um curso de Pedagogia todas as temáticas necessárias para a gente falar da escola. Temos também as questões indígenas, a discussão afrodescendente, de gênero, muitas temáticas importantes. É preciso propor percursos formativos para que os acadêmicos tenham possibilidades de construir sua atuação.

Revista da Extensão: E o que dizer da participação na 5ª Semana da África na UFRGS (NR: ocorrida entre os dias 23 e 26/05/2017)?

Liliane Giordani: Oferecemos oficinas para as escolas pelo Lobogames. A seleção foi de jogos africanos: nos reunimos com estudantes africanos da UFRGS, fizemos uma roda para definir quais os jogos, apresentar o que nós conhecíamos. Eles também nos apresentaram o que conheciam de lá, pois temos muitos países diferentes na África – jogos que são conhecidos em determinado local não são reconhecidos por outros. Pactuamos alguns jogos que iríamos usar e trabalhamos com estes alunos como monitores no evento. Atendemos em torno de 40 crianças e adolescentes em cada sessão, com mesas e tabuleiros gigantes. Alguns alunos trouxeram seus jogos específicos. Pudemos trabalhar bastante nessa perspectiva de interação dos alunos africanos com os das escolas que vieram, a partir dos jogos com essa temática.

Revista da Extensão: Como tu estás enxergando o presente e o futuro da Educação no Brasil?

Liliane Giordani: Nós estamos vivendo um período muito difícil, de grande retrocesso na conquista dos direitos. A Educação teve muitos avanços no reconhecimento da autonomia e do trabalho docente, por exemplo, e de respeito ao discente. Uma medida provisória que trata desta forma o ensino, que não reconhece o aluno como um sujeito do saber, e que vê o aluno como uma tábula rasa aonde o professor vai, com sua perspectiva de trabalho, ideologizar, é não saber o que acontece na escola. Isso é o não reconhecimento do saber discente, é um absoluto autoritarismo sobre o conhecimento docente. Há uma ideologia muito presente numa medida provisória dessa natureza, que é a do dogma dominante, conservador.

Revista da Extensão: Ela impede uma problematização da Educação?

Liliane Giordani: Sim, exatamente! Trata uma escola num modelo “vigiar e punir”, de Foucault, com um regramento e uma definição

do saber a partir de um princípio que é absurdamente conservador, que não se abre para essa possibilidade.

Revista da Extensão: E acaba perdendo todo o dinamismo que tanto caracteriza projetos como o Lobogames, que envolve os alunos de uma forma muito interessante...

Liliane Giordani: Exatamente. O que a gente diz na escola? “Gente, o conteúdo está disponível na internet”. O professor não é alguém que vai trazer o conteúdo: o aluno pode acessá-lo diretamente. Nós professores somos mediadores: a gente problematiza o conhecimento e faz com que os alunos se desafiem a saber mais, a se movimentar mais em busca do conhecimento. O Lobogames vai para a escola não para dar conteúdo, mas para desenvolver e desafiar o raciocínio e o próprio pensamento. Em relação ao futuro da Educação, sou uma pessoa que não vai desistir, absolutamente: vou para a rua, vou militar, vou brigar, vou fazer isso nas minhas aulas. As pessoas vão saber o que eu penso e não me amedronto com nenhum tipo de medida provisória que promete, inclusive, denúncias e reclusão para professores. Vou continuar pensando e me pautando sobre situações da História que são absolutamente devastadoras, como o Nazismo, que pela proposta da “Escola da Mordaca” a partir agora teria de ser trabalhado como um dado histórico, e não como um dado ideológico. Não tem como fazer diferente: para ser um professor tu precisas conhecimento, posição. A medida provisória diz que o professor não pode ter opinião, mas tu não estás tendo opinião: é conhecimento. Estou nesse lugar porque acho que as crianças e adolescentes precisam de pessoas que acreditem neles e no espaço da escola. Talvez a gente tenha de reinventar um desenho físico da escola: quem sabe uma escola aberta, uma lona de circo, um pátio, que sejam espaços educativos, muito mais do que uma sala com cadeiras enfileiradas. Ainda acredito que ela é uma instituição que pode contribuir muito para uma sociedade justa,

onde o reconhecimento da diferença acontece, para que haja a plenitude dos direitos. É por isso que eu continuo nessa história. Mas estamos num momento de bastante sofrimento: um momento muito difícil, não só pelas questões que envolvem a Educação, mas pela vida do trabalhador. É muito grave o que está acontecendo. A gente talvez não tenha a dimensão do que ainda vamos viver por aí, principalmente as gerações novas, se não conseguirmos reverter esse quadro.

Revista da Extensão: Aproveitando esse momento de ampliação do cenário, a extensão da UFRGS é muito vinculada a outros países da América Latina. Como os teus projetos dialogam com os de outros países vizinhos?

Liliane Giordani: Levamos os projetos no II Congresso da AUGM, em Campinas (NR: ocorrido em outubro de 2015) e fizemos algumas conversas institucionais, as quais pretendemos dar alguma vazão, com algumas trocas pessoas. Temos trabalhado com a UDESC, buscando fazer uma rede entre universidades, procurando instituições que se apropriem e nos ajudem a levar esse projeto adiante.

Revista da Extensão: Conheces algum projeto semelhante ao Lobogames em outro país?

Liliane Giordani: Não conheço. Descobrimos pela internet um professor de educação física no interior do Paraná que vem desenvolvendo jogos, e tem trocado experiências conosco.

Revista da Extensão: Como tu vêς agora essa ascensão do mundo virtual, que é cada vez maior em sala de aula? Mudou muito o jeito de dar aula, né?

Liliane Giordani: Não tem como fugir, precisamos aderir. Mas aderir com sabedoria significa usar o instrumento. Meus alunos leem o texto do Moodle no celular; ninguém mais anda com tanto papel. A dinâmica da vida é essa: como

fazemos para que isso se transforme em produto para dentro da internet, né? Tenho tentado fazer minhas experiências. Às vezes bolo coisas que os alunos ficam loucos comigo. Não precisa fazer a relatoria do texto escrito, vamos fazer em vídeo, gravar na webcam, ou com a câmera do celular. Ou então discutir e postar, fazer um material para que os alunos compartilhem em vídeo – não da mesma forma, no mesmo modelo. Precisamos usar os recursos, eles estão muito presentes. Talvez nós, a minha geração, precisemos aprender a lidar com eles, mas eles são do mundo, como eu dizia antes. Isso é um conflito para o professor: ele não tem mais a propriedade do conteúdo. Se o aluno quiser, descobre. Tu dá o tema e ele vai atrás...

Revista da Extensão: E por vezes até mesmo contesta o professor...

Liliane Giordani: Claro, e acho isso muito bem-vindo. E como é que a gente lida com isso, principalmente na formação de professores? Como eles lidam com a criançada na escola? Sabemos que muitas proíbem o uso de celular, por exemplo. E o que fazemos? Aí surgem situações como o jogo da baleia azul e os professores entram em pânico, não sabem o que fazer com alunos. Acho que a tecnologia nos ajuda muito.

Revista da Extensão: E na questão acessibilidade?

Liliane Giordani: Nossa, muito! A tecnologia foi o grande “boom” para a acessibilidade. Favoreceu demais a comunicação entre surdos, por exemplo: agora tu tens a escrita, o WhatsApp, no qual tu não escreves como uma redação de escola – podes escrever de um jeito mais abreviado, mais simples, sem problema de conjugação verbal, e agora até com vídeo! Tenho colegas professores aqui que são surdos e conversamos pelo celular em vídeo. O recurso visual é superimportante. Os leitores de tela também foram importantíssimos, pois os cegos agora têm acesso de forma autônoma a todos os textos que estão circulando na internet.

Conseguem, inclusive, com alguns dispositivos, fazer leitura de imagens. A tecnologia é muito bem-vinda, mesmo.

Revista da Extensão: Existem aplicativos em que tu escreves e aí um personagem interpreta e liga.

Liliane Giordani: O Hand Talk e o ProDeaf são dois que eu conheço, mas eles funcionam para coisas simples, pois é um avatar, um aplicativo que traduz palavras sem contexto. Se tu escreveres por exemplo “eu tiro a bolsa daí”, ele pode traduzir “eu tiro, do verbo atirar, a bolsa”. Ele serve para tu usares com palavras simples e para responder como dicionário mesmo. Para comunicação, não funciona. A gente sempre precisa saber como usar e qual o limite dos aplicativos.

Revista da Extensão: Para finalizarmos nossa conversa, por favor, deixa um último recado para os nossos leitores sobre extensão universitária.

Liliane Giordani: Ensino, pesquisa e extensão devem ser indissociáveis. É preciso sempre olhar para esses três campos. E a extensão é o nosso alimento para as outras duas. É ela que tem me dado matéria viva de trabalho de formação. Espero que a extensão sobreviva a essa crise e que as pessoas continuem acreditando nela, inclusive acreditando institucionalmente que ela é extremamente importante. Eu vivo a extensão, e quero continuar indo com ela pelo Brasil (risos). É ela que alimenta a minha docência, que me dá energia para trabalhar com formação e, sem dúvida nenhuma, é ela que complementa a formação dos alunos. Isso sem falar que a vinculação com a comunidade é uma responsabilidade nossa como instituição pública. Precisamos estar perto da comunidade: não só usá-la com as pesquisas, mas oferecer a ela conhecimento e trabalho. Esse é um dever que temos como instituição pública. Acredito que devemos seguir investindo em extensão por esse viés – tanto o de formação continuada para nós professores como uma retribuição para essa comunidade. ◀